

Reportagem Especial

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Mulheres de classe alta vão à polícia

Elas são empresárias, médicas, advogadas e outras com curso superior que deixam o medo de lado e denunciam maridos

Érica Vaz

A violência contra a mulher está rompendo o muro de silêncio que cerca os condomínios e casas das classes média e alta na Grande Vitória. Professoras, médicas, empresárias, advogadas, entre outras, estão perdendo o medo e vão a delegacias para denunciar maridos e namorados.

Elas são mulheres com curso superior, bem-sucedidas, com grande bagagem cultural e destaque no mercado de trabalho.

Para a advogada da área de Fa-

“E os motivos são os mesmos das classes mais baixas: álcool, drogas e crises de ciúmes”

Ivone Vilanova, advogada

mília e dos Direitos da Mulher Ivone Vilanova, a procura de mulheres de classe alta querendo a separação e relatando casos de violência física e verbal cresceu cerca de 20% nos últimos cinco anos.

“E os motivos das agressões são os mesmos das classes mais baixas: consumo excessivo de álcool e drogas, e crises de ciúmes dos parceiros”, explicou Ivone, que já teve clientes médicas e funcionárias públicas.

A advogada de família Flávia Brandão também tem atendido mais esses casos. Atualmente, ela cuida da separação de uma médica que sofreu agressões do marido por 10 anos. Muitas vezes, na frente dos filhos. “O processo está em fase de instrução. Minha cliente agora luta para superar o trauma”, contou a advogada.

Drama parecido vive a mulher de um empresário de Cariacica. Após anos de agressão, ela decidiu, este ano, sair de casa e chegou a ouvir do marido: “Você só sai dessa casa morta”.

Mesmo com medo, ela conseguiu sair com ajuda de familiares, deixou todos os bens para trás e hoje vive escondida em outro município do Estado.

Segundo dados da Polícia Civil, somente este ano, foram registra-

AGRESSÃO POR CIÚMES



ANTONIO MOREIRA

“Ele me olhava com muito ódio e batia”

Curso superior, dois empregos e vida estável. Assim era a vida de uma professora, de 36 anos, antes de começar um turbulento relacionamento há quatro anos, em Cariacica. “Primeiro, ele começou a me agredir com palavras. Depois, passou a me agredir fisicamente”, con-

tou a mulher. O motivo da violência? Ciúmes. “Não podia conversar com ninguém. Ele me olhava com muito ódio e me batia.”

Com a frequência das agressões, a professora precisou pedir licença para esconder as marcas da violência. “Ele ia até o meu trabalho me

ameaçar, fazer escândalo na frente dos meus colegas, ficou impossível.” Ano passado, ela tomou coragem e saiu de casa com os dois filhos.

“Deixei tudo para trás. Prestei queixa na delegacia e hoje estou reconstruindo a minha vida com ajuda da família e de Deus”, desabafou.

das cinco mil ocorrências de violência nas Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher (Deams) da Grande Vitória.

Para a titular da Deam de Vitória, Cláudia Dematté, a violência

doméstica é um problema cultural, por isso está presente em todas as classes sociais.

Embora não tenha dados discriminados por renda, ela afirma que denúncias de agressão contra mu-

lheres das classes média e alta vêm aumentando.

“As mulheres estão mais conscientes, não estão mais ignorando a primeira agressão, seja física ou psicológica”, explicou Dematté.

Ameaça psicológica é constante

Nos casos de agressões domésticas na classe média e alta, um tipo de violência tem se tornando mais frequente: a psicológica.

Segundo a titular da Deam de Vila Velha, Maria Aparecida Sfalini, em bairros nobres, como Praia da Costa e Itapoã, há menos casos de abuso físico registrados do que em bairros mais pobres.

“Em bairro nobre, ocorre mais casos de ameaça e difamação. Maridos que fazem escândalos, humilham a mulher e falam que vão tirar a guarda dos filhos, deixá-las na miséria ou até matá-las se os

deixarem”, contou a delegada.

Esse tipo de violência é destrutiva e abala psicologicamente as vítimas. “Isso acaba com a autoestima da mulher. Ela passa a ficar condicionada a outro tipo de violência: a física. Elas se calam acreditando que têm muito a perder.”

Outro agravante é a dependência econômica do parceiro. “Isso não é um problema apenas nas classes mais baixas. É muito comum uma mulher, que tinha uma vida boa ao lado do marido, depois de prestar queixa na polícia e pedir a separação, ficar sem dinheiro

até para pagar o advogado. Eles fazem de tudo para não dar nada para elas”, explica a advogada Ivone Vilanova.

A delegada Tânia Zanoli, titular da Deam de Cariacica, afirma que o apego material e o medo de não conseguir sustentar os filhos inibe mais denúncias. Mas a maioria está arriscando começar de novo.

“Uma ex-mulher de um importante empresário que era agredida me disse: ‘melhor perder os bens do que a vida’. Hoje, ela não tem a vida tinha com ele, mas tem paz”, contou.



JUSSARA MARTINS - 07/07/2010

DELEGADA Cláudia Dematté: “Ainda vivemos numa sociedade patriarcal”

Culpa recai sobre a mulher

Suposta traição ou simplesmente o ato de não fazer o jantar. São inúmeras as desculpas dadas pelo parceiro para agredir uma mulher e a vítima pode chegar a aceitar e até achar normal a agressão.

“A culpa pela violência acaba recai na mulher”, ressaltou o a delegada Cláudia Dematté, da Deam de Vitória. Para ela, a mudança de comportamento, tanto da vítima como do agressor, será gradual. “Ainda vivemos numa so-

ciiedade patriarcal, onde o homem acha que o corpo da mulher é propriedade dele.”

Antes da Lei Maria da Penha, muitas mulheres, inclusive de classes média e alta, aceitavam a violência. “Agora, mulheres que passavam até 20 anos casadas estão denunciando. Antes, bater em mulher acabava em pagamento de cestas básicas. Hoje o agressor pode ser preso em flagrante, e há instauração de inquérito.”

CASOS DE AGRESSÃO

Socos e chutes

Na Delegacia da Mulher de Vitória, uma advogada de 35 anos registrou queixa após apanhar do namorado, um corretor de imóveis, dentro do seu apartamento na Praia do Canto.

O acusado não queria aceitar o término o relacionamento de oito meses e a agrediu com socos, tapas no rosto e chutes.

Pauladas na cabeça

Um médico cirurgião-geral foi preso em fevereiro deste ano acusado de agredir a mulher com diversas pauladas na cabeça e no braço, em Itapoã, Vila Velha.

A vítima era uma universitária de 30 anos, casada com o médico há cinco. A agressão teria acontecido após ele se irritar com o fato de a mulher ter ido muito rápido a um banco e insinuar que ela teria ido se encontrar com outro homem.

Mudança de estado

Ao descobrir que estava sendo traída, uma engenheira de 35 anos brigou com o marido e acabou sendo espancada. O caso aconteceu no final do ano passado, na Serra.

Ela decidiu pedir o divórcio e passou a ser ameaçada de morte, junto com a família. Com medo, foi morar em outro Estado.

